

RESPIRAÇÕES DE UMA NATUREZA SENSÍVEL

Lígia Telles

Universidade Federal da Bahia

Para falar de Alexandre Coutinho, algumas possibilidades se apresentam: o poeta, o aluno, o orientando. Sigo a ordem inversa dessa enumeração, buscando estabelecer uma cronologia e capturar seu marco inicial.

Em 2009, já próximo ao período de seleção para o Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA, fui procurada por um recém-graduado em Letras que concorreria a uma vaga no Mestrado. Não havia sido meu aluno, nem o conhecia. Assim encontrei pela primeira vez Alexandre Coutinho. Muito decidido quanto ao projeto a desenvolver: um estudo de *Rútilo Nada*, de Hilda Hilst, no qual discutiria a quebra de paradigmas quanto à tipologia dos gêneros literários. Falava da escritora com paixão. Deixava transbordar entusiasmo da exposição de suas ideias, muito bem articuladas. Aceitei a indicação, Alexandre foi aprovado e obteve uma bolsa CAPES.

Inicia-se a relação orientadora/orientando, professora/aluno. Na convivência, passo a conhecer um lado de Alexandre: a inquietação intelectual, a efervescência de ideias, a agilidade do raciocínio e uma salutar indisciplina em submeter o seu texto ensaístico a algumas exigências da academia. E a conhecer também um outro lado: sensível, delicado, atencioso com a orientadora. Não houve fissuras nem embates nessa relação acadêmica. Respeitei ao máximo o belo estilo da sua dissertação *O extremo do possível em "Rútilo Nada": uma síntese concêntrica em Hilda Hilst*, apresentada em maio de 2012. Numa defesa rica, debatida, foi aprovado com distinção pela banca constituída pelos professores Aleilton Fonseca (UEFS) e Sandro Ornellas (PPGLitCult-UFBA).

Esses fios narrativos que entrelacei permitiram-me traçar um mínimo esboço do aluno que passou pelo Instituto de Letras na primeira década dos anos 2000. Passo agora a um outro momento da trajetória de Alexandre Coutinho: o lançamento do seu livro de poemas *Estudos*

do corpo (2011), vencedor do edital de apoio a jovens escritores da Fundação Pedro Calmon/Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

Como abertura a esta incursão por *Estudos do corpo* recorro a palavras de auto-definição do poeta acerca de seus poemas e músicas: “são respirações de minha natureza sensível”. (jivmcavaleirodefogo.blogspot.com.br/2010/06). Tais respirações materializam-se nos trinta e seis poemas que compõem essa primeira amostra de sua produção poética, livro organizado em duas partes. Músico e compositor, traz essa marca impressa em seus poemas, de forte acento rítmico e sonoro, amalgamada aos sentidos engendrados nas palavras e sua sintaxe. A qualidade musical explicitamente assumida no título da segunda parte do livro - “JaZ.z” - e dos vinte poemas em sequência numerada que a compõem associa-se ao apelo visual deflagrado tanto pela diagramação quanto por ilustrações do próprio autor, que se espalham ao longo do livro. Dessas imagens assoma o corpo masculino em nudez, permitindo ao leitor relacionar corpo humano e corpo do texto, da palavra, da escrita. As aliterações constantes aguçam a audição: “Minha lascívia / de lodo e lama”; “Torpor de um vício adunco / Vapor de vínculo e vinco”; “Fruição frêmita de estrofes e tempos”. (COUTINHO, 2011, p. 21, 24, 29).

A linha de risco delineada pelo sujeito que se mostra e se vela no espaço dos poemas confere uma tragicidade à poesia de Alexandre Coutinho. Lírico e trágico se enlaçam, compondo em performance a cena da criação poética, seus gestos e acenos, como no poema em prosa “Jazz nº 10”, no qual a convenção da letra maiúscula em início de texto e após o ponto é rompida: “aqui não há silêncio, onde me encontro tudo é ruído. ossos rangendo na boca. dentes batendo no peito. estômago compondo toxinas.” (p.42).

A escolha de versos de Hilda Hilst como epígrafe de *Estudos do corpo* revela um dos afetos (palavra cara a Alexandre e recorrente em sua dissertação de mestrado sobre a autora) do poeta. Tanto o discurso poético como o discurso crítico de Alexandre Coutinho revelam a ação de Eros, que os movimenta em vigor de *pathos* dramático.

Mas *Estudos do corpo* é também registro de memória, é a infância e a figura paterna inscritas na primeira parte do livro - sem título -, na qual o título “Narcisos” do poema de abertura se faz espriar pelos demais e lhes confere a marca dessa presença, do movimento

que os anima, no gesto especular da aventura poética. Assim como é relevante a dedicatória do livro ao pai.

Em 21 de abril de 2013, aos 30 anos, Alexandre Coutinho nos deixou – como corpo físico. Mas as respirações de sua natureza sensível persistem, na memória dos que dela puderam compartilhar, e na sua poesia, perenizada no corpo da letra, como nesta bela imagem: “Menino é raso / de meninura” (p.12).

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Alexandre. Entrevista a José Inácio Vieira de Melo. In: *Sangue novo* – entrevistas. jvmcavaleirodefogo.blogspot.com.br/2010/06.

COUTINHO, Alexandre. *Estudos do corpo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

COUTINHO, Alexandre. *O extremo do possível em "Rútilo Nada": uma síntese concêntrica em Hilda Hilst*. Salvador: PPGLitCult, UFBA, 2012.